

## amor, amor em liberdade, camaradagem amorosa<sup>1</sup>

*émile armand*

Sob o nome de amor podemos compreender muitas definições. A minha, neste artigo, será a seguinte: por amor, entendo que seja a atração ou a paixão sexual, seja o desejo e a satisfação do apetite sexual, satisfação manifestada pelo coito ou realizada pela necessidade de tocar, acariciar, beijar alguém do sexo oposto e até desfrutar de sua presença, entreter-se com ele (Nystrom: *A vida sexual e suas leis*; Forel: *A questão sexual*; Robert Michels: *Ética Sexual*).

Individualista anarquista, não coloco absolutamente como um dogma que a atração, o apetite, o desejo sexuais – o Amor então – tenham como origem somente os encantos e atrativos exteriores do ser amado, o fato de que ela ou ele excitam nossos sentidos. Muito pelo contrário, principalmente quando se trata de seres humanos de espécie tão única como são os anarquistas, o amor pode, da mesma maneira, ter como causa a sensibilidade do ser amado,

*Émile Armand foi o pseudônimo do anarquista individualista francês Ernest Lucien Julin, nascido em 1872 e morto, aos 90 anos, em 1963. Armand editou diversos periódicos, dentre os quais L'Ère Nouvelle, entre 1901 e 1911; L'En Dehors, em 1922 e L'Unique, de 1945.*



## verve

Amor, amor em liberdade, camaradagem amorosa

seu caráter, sua intelectualidade, sua natureza afetuosa, as aventuras que povoam sua existência, a atividade que é a razão de ser de sua personalidade, suas manifestações de ternura e mesmo sua persistência no desejo. Não existe para mim qualquer motivo de atração ou de simpatia que seja superior ou inferior a outro.

Por liberdade do amor, amor livre, amor em liberdade, liberdade sexual, entendo a liberdade total para uma ou um companheiro de amar um, uma ou vários outros simultaneamente (sincronicamente), caso seu determinismo particular o impulsione ou incite a isso.

No que me concerne, individualista anarquista, concebo essa possibilidade, essa liberdade, sem qualquer consideração às leis editadas pelos governantes em matéria de costumes, aos hábitos recebidos ou aceitos quanto à moralidade pelas sociedades humanas atuais. Para mim, a liberdade do amor é concebida “para além do bem e do mal” convencionais.

Num meio individualista anarquista, a liberdade do amor é compreendida, logicamente, fora do estado civil, da situação social, da aparência exterior, da opinião pública, da consanguinidade; ela não leva em conta os preconceitos correntes sobre o pudor, a virgindade, o vício, a virtude, a consideração, a estima, a reputação, a fidelidade sexual, etc. Ela não se importa com o fato de que o ser desejado ou amado já coabite ou mantenha relações amorosas.

Num meio anarquista individual, considera-se como eminentemente ridículo que seja garantida a um único sexo a proposição da experiência amorosa, como se não coubesse tanto à companheira quanto ao companheiro fazer conhecer seu desejo de relações amorosas. Em tal meio – onde



se considera o amor como uma questão de potência, não de quantidade, no qual se amam aqueles e tanto quanto é possível amar sem qualquer outro limite além da capacidade individual –, é lógico que se considere todo e qualquer camarada como um possível amante ou um companheiro, como uma amante ou uma companheira em perspectiva. Nenhuma ou nenhum deles deverá ter nada a censurar no fato de ter sido solicitado em vista de uma experiência amorosa, quaisquer que sejam os camaradas que façam essa proposição. E isso em quaisquer circunstâncias ou condições. Nenhum “terceiro” deveria opor um obstáculo à proposição da experiência amorosa e mais ainda à sua realização. Ao contrário, na medida de suas possibilidades, cada um facilitará a prática da liberdade do amor, considerando seu gesto como um ato de camaradagem.

De fato, a meu ver, a experiência amorosa não é apenas uma manifestação de egoísmo puro, uma busca de gozo, de prazer físico ou sentimental, visando aumentar o montante de felicidade individual, mas considero-a como uma experiência de vida individualista, como um aspecto da camaradagem que reúne uns aos outros os individualistas anarquistas. Eis porque as manifestações amorosas entram no quadro da camaradagem intersexual e toda e todo individualista pode considerar como incompleta uma camaradagem que não inclua a experiência amorosa.

Além disso, num meio individualista anarquista, no qual se faz tábula rasa dos preconceitos tradicionais, da moral religiosa ou laica, o sentimento – outro nome para designar a atração e a simpatia sexual – não é concebido num plano metafísico ou extrafisiológico. A impressão sentimental não é nem mística nem inexplicável; ela pode ser perfeitamente elucidada, raciocinada, analisada.



## verve

Amor, amor em liberdade, camaradagem amorosa

Como todos os outros produtos da sensibilidade individual, o sentimento é passível de educação, de cuidado, de cultivo intensivo e extensível. Podemos vir a ser mais sentimentais do que somos hoje através de cuidados apropriados, da mesma forma que se pode fazer uma árvore ou um terreno dar frutos maiores ou espigas mais volumosas. É possível educar-se tendo em vista ser amoroso, terno, afetuoso, carinhoso.

É levando em conta todas essas observações que, por amor livre, entendo relações sexuais também livres, tão variáveis e múltiplas – no interior dos meios individualistas anarquistas – quanto o são ou deveriam ser entre camaradas de sexo oposto as relações intelectuais ou morais. De fato, é difícil compreender porque as manifestações amorosas deveriam ser postas de lado nas relações mantidas entre camaradas.

Colocando-se a questão da camaradagem em primeiro plano – e fazendo-se todas as reservas quanto aos temperamentos “solitários” ou “amorosos únicos” excepcionais, ou ainda quanto a certas repugnâncias pessoais decididamente invencíveis – nenhuma ou nenhum camarada saudável, normal, recusará tentar a experiência de camaradagem amorosa quando ela for proposta por uma ou um camarada com o qual se simpatiza, com o qual sentimos suficientes afinidades afetivas, sentimentais e até intelectuais – que daí extrairia uma tão grande alegria, sendo que o prazer não seria menor para aquela ou aquele que aceita a proposição.

Na verdade, num meio individualista anarquista cujos participantes tenham sido selecionados com base em afinidades pessoais, a recusa só pode ser excepcional, sendo claro que qualquer concepção da liberdade do amor implica em



liberdade total de entrega a quem bem nos aprouver, liberdade total de recusar-nos a quem causar desagrado. Mas assim como a recusa de participar da produção num meio de camaradas produtores ou de se associar a um esforço qualquer visando tornar mais intensa a alegria da associação a que se pertence – a recusa da camaradagem amorosa não deveria ser o efeito do capricho, do coquetismo, do desejo de fazer sofrer ou de perturbar a harmonia do grupo do qual se participa. Afirmo, em tese, que no campo do amor, das manifestações amorosas, os individualistas anarquistas não podem querer impingir mais sofrimento do que nas outras experiências da vida em camaradagem.

Dos séculos X ao XVI, existiram agrupamentos místico-anarquistas nos quais a regra “todas para todos” e “todos para todas” foi praticada, tendo como consequência que seus participantes ignorassem a miséria, não acertassem suas diferenças por meio de juízes ou através da violência física, desconhecessem senhores e servidores. As crianças, principalmente, eram maravilhosamente mimadas. Os documentos que restaram sobre as perseguições sofridas por esses meios ao se tornarem importantes demais, estigmatizam em termos veementes tanto sua promiscuidade, quanto a ignorância de paternidade na qual as crianças eram mantidas. Para a maioria desses juízes, quase todos eclesiásticos, isso significava a mais desoladora abominação, já que se tratava de seitas heréticas. Como esses tribunais eram compostos de homens votados ao celibato voluntário, é bastante curioso notar com que inconsequência eles se permitiam analisar fatos alheios à sua competência.

Em regime de promiscuidade sexual ou de comunismo sexual, a criança é infinitamente mais bem cuidada do que em regime familiar. Como os elementos masculinos



## verve

Amor, amor em liberdade, camaradagem amorosa

ignoram quais são seus filhos, aqueles que possuem sentimentos paternos, geralmente os manifestam com relação a todas as crianças do grupo ao qual pertencem e, depois de adquirir esse sentimento, a todas as crianças dos meios pelos quais passam.

Considero que o “todas para todos” e o “todos para todas” é o resultado normal e inevitável da aplicação sincera e lógica das teorias do amor livre e da liberdade sexual. É claro que entre os individualistas anarquistas só se concebe essa fórmula quando aplicada voluntariamente a esses meios, livremente escolhidos por aquelas e aqueles que os constituem.

Mesmo deixando de lado qualquer consequência doutrinária, é evidente que em qualquer meio selecionado, pequeno ou grande, em que ocasiões de prazer amoroso – físico ou sentimental – existam em abundância, as rupturas amorosas perderiam seu caráter brusco, cortante, mortificador. Aliás, como as palavras “sempre” e “nunca” têm uma aparência e uma significação excessivamente dogmática para serem admitidas – senão relativamente – no vocabulário individualista e anarquista: se é “como camaradas” que nos ligamos amorosamente, será também “como camaradas” que nos desligaremos; sem amargura, sem rispidez, com suavidade, como amigos dispostos a recomeçar a experiência amorosa talvez mesmo no dia seguinte a seu fim. Na verdade, bons camaradas não se impõem a cessação de suas relações amorosas; quando colocam um termo a elas, é por que estão de acordo um com o outro.

A liberdade do amor implica que aqueles que a praticam possuam uma educação sexual ampla e prática. Qualquer ensaio de vida amorosa subentende, entre os



individualistas anarquistas, que aqueles que a tentam estejam informados sobre a higiene sexual, os meios para se proteger de qualquer contaminação venérea e para evitar as consequências de qualquer relação sexual suspeita ou duvidosa.

Perguntamos por que ideias semelhantes às que acabei de expor encontram, particularmente entre o elemento feminino dos meios anarquistas – aliás, tanto individualistas quanto comunistas – uma incompreensão que frequentemente raia a hostilidade. Sem negar as outras causas, cujo exame profundo alongaria excessivamente este artigo, podemos atribuir essa oposição à persistência da educação religiosa nas companheiras anarquistas. Nos países protestantes, a ideia que presidiu a Reforma, a reação do fundo contra a forma, do espírito contra a matéria, da fé sobre as obras, acabou levando, no que diz respeito aos costumes, oficialmente, é claro, aos mesmos desvios, à mesma mutilação, ao mesmo desprezo da obra da carne que nos países católicos. Sob o disfarce de preceitos morais, encontramos neles os mandamentos da Igreja romana: “Não serás absolutamente impuro nem de corpo, nem de consentimento. Rejeitarás desejos impuros para conservar castamente teu corpo. Só consumirás a obra de carne dentro do casamento”. Esses preconceitos encontram-se entre os mais tenazes a serem arrancados e é por isso que, para muitas mentes alertas a emancipação sexual da mulher, a educadora natural das crianças, parece colocar-se à frente de todas as outras emancipações. Quando abordamos a questão mais de perto, não é difícil perceber que a emancipação real da mulher depende de sua absoluta emancipação religiosa e de sua emancipação sexual. É apenas quando se descartar da noção de Deus e a noção de moralidade que ela irá se



## verve

Amor, amor em liberdade, camaradagem amorosa

liberar da superstição e do ascetismo, do altar e do trono, do padre e do marido. A mulher que “tem religião” e a mulher que “tem bons costumes” constituem os dois pilares da escravidão feminina individual e do conservantismo social feminino. O que é agravado pela ignorância e pela exploração em que apodrecem os homens em geral.

Tradução do francês por Martha Gambini.

### Notas

<sup>1</sup> Texto publicado como verbete da *Encyclopédie Anarchiste*, editada por Sébastien Faure, em 1934. A versão original está disponível em: <http://www.encyclopedie-anarchiste.org/articles/a/amour.html> (acesso em: 12/01/2012).

